Comentários

SOJA

SUPER OFERTA NÃO OBSTACULIZA EXPANSÃO DA SOJA.

A certeza de que os fazendeiros norte-americanos incrementariam o plantio de soja, não impediu que a área da leguminosa no Brasil aumentasse em mais de 7%, no ano passado.

Atualmente, com a aproximação do plantio da safra 78/79 do Brasil, as avaliações referentes à expansão da sojicultura brasileira situam-se em percentuais ligeiramente superiores a 6%, implicando em repetição da situação verificada um ano antes, pois se aguarda novo recorde na produção norte-americana.

Embora perdurem divergências sobre a extensão da cultura da soja em nosso país, a superação dos 8 milhões de hectares cultivados será registrada na próxima safra. Aplicando-se a um total estimado de 8,4 milhões de hectares plantados o rendimento médio obtido nos três últimos anos anteriores à atual quebra (1.763 kg/ha), teremos uma produção possível de 14,8 milhões de t. No entanto, a instabilidade climática que se verifica no sul do país não autoriza esta estimativa preliminar, de caráter altamente especulativo.

A entrada no mercado, na próxima estação, de grandes safras dos dois maiores produtores mundiais afetará negativamente as cotações internacionais da soja em grãos e produzirá reflexos imediatos em seus derivados. Adicionalmente, a orientação adotada pela política governamental brasileira, incentivando as vendas externas de subprodutos industrializados do complexo, por carrearem maior valor adicionado, será a raiz de alguns dos problemas que se manifestarão em 1979.

BRASIL LIDERA EXPORTAÇÕES DE FARELO.

Mesmo com a frustrada safra deste ano, as exportações brasileiras de farelo de soja superarão, pela segunda vez, as dos EUA. O fato de terem sido absorvidos, em 1969, 39% da produção de farelo, pelo consumo doméstico enquanto que, em 1977, este percentual reduziu-se para 19%, é um indicador por sí só bastante significativo. O farelo brasileiro depende, em cerca de 80% de seu escoamento, dos consumidores externos. O norte-americano, apenas em 25%.

ENFRENTANDO DIFICULDADES EXTERNAS...

Tal situação gerará incompatibilidades de espinhosa superação. O maior bloco importador de oleaginosas - os países da Europa Ocidental - instalou um parque moageiro com capacidade para o esmagamento de 11 milhões de t/ano, de onde são extraídas aproximadamente, 9 milhões de t de farelo, quantidade insuficiente para seu consumo, atualmente próximo às 14 milhões de t/ano. As medidas protecionistas alí adotadas explicam-se pela capacidade local de processamento, que os leva à preferência pela importação de grãos. Capitulando ante a pressão protecionista européia, o governo brasileiro se viu forçado a alterar a alíquota de ICM sobre o farelo brasileiro, que até novembro de 1977 situava-se em 5%, para 9,6% hoje e para 11,1%, a partir de novembro próximo. Semelhante é a situação do Japão, maior importador individual de grãos e autosuficiente em farelo, que produz a partir da matéria-prima comprada aos EUA.

Comentários

... E PROBLEMAS INTERNOS

Internamente, com a concretização dos cálculos da Comissão de Financiamento da Produção, segundo os quais as indústrias brasileiras já no próximo ano, poderão esmagar perto de 16 milhões de t, estará comprometida a sobrevivência de muitos pequenos esmagadores os quais, ineficientes por não poderem alcançar a escala ótima de produção, serão alijados do mercado pela concorrência em torno da oferta do grão. A causa para tanto está no dimensionamento das unidades de produção instaladas em nosso parque moageiro, composto em cerca de 60% por pequenas e médias indústrias, e que tende a penalizar este segmento majoritário. Tais unidades não conseguem atingir o esmagamento diário de 600 t, que lhes possibilitaria o emprego da tecnologia mais avançada (solvente contínuo). Assim, arcam com um processamento industrial mais oneroso e, carentes de capital e de tecnologia, mantêm-se precariamente na entressafra, às vezes atuando na intermediação de grãos para as indústrias maiores.

Atualmente, em decorrência do esmagamento acelerado verificado nos primeiros meses do ano comercial, para o atendimento a compromissos externos de venda de farelo, os estoques do óleo têm aumentado, o que motivou a autorização para exportação, desde que se garanta o abastecimento do mercado interno via posterior importação de óleo bruto. Tal medida se justifica pelo fato de o mercado interno não ter condições de absorver o volume de óleo produzido, nem de estocá-lo por falta de tancagem suficiente.

SAFRA PODERÁ SER RECORDE, MAS A RECEITA DIFICILMENTE O SERÁ.

Admitindo-se a possibilidade de a futura safra brasileira tangenciar as estimativas otimistas quanto ao seu volume, teremos uma oferta ao mercado internacional de cerca de 2 milhões de t de grãos e disponibilidades recordes para exportação de farelo e de óleo, respectivamente mais de 6 milhões de t e mais de 600 mil t.

A colocação externa do complexo soja brasileiro esbarrará na concorrência norte-americana e em preços conseqüentemente mais baixos. O USDA estima o preço médio do grão para o próximo ano-safra em US$ 163,30/t, para o farelo em US$ 193/t e, para o óleo, em US$ 484/t. Deste modo, mesmo com a possível obtenção de novo recorde na produção da soja, a receita advinda das exportações não deverá superar a marca máxima atingida em 1977, de mais de US$ 2 bilhões, embora vá ultrapassar largamente o máximo esperado de US$ 1,2 bilhões para este ano.

MILHO

INFLUÊNCIA CLIMÁTICA, ...

Nos EUA, o desenvolvimento da lavoura de milho para a safra 1978/79 vem-se configurando dentro de notória excepcionalidade. De início, à parte a pouca atratividade do programa de *set-aside,* o clima constituiu-se numa das variáveis a afetar negativamente as intenções de plantio dos produtores, ao mesmo tempo em que forçava o atraso na semeadura do cereal. Este atraso, segundo os prognósticos iniciais, haveria de propiciar uma queda na produção num grau superior à redução de 3,3% que